

BREVES CONSIDERAÇÕES

5822.34
SOBRE

OS ABUSOS DA SCIENCIA EM GERAL

E

EM PARTICULAR SOBRE OS DA MEDICINA

THESE

APRESENTADA E SUSTENTADA PERANTE A FACULDADE DE MEDICINA
DO RIO DE JANEIRO, EM 11 DE DEZEMBRO DE 1848.

POR

SEBASTIÃO VIEIRA DO NASCIMENTO,

FILHO LEGITIMO DE

SEBASTIÃO VIEIRA DO NASCIMENTO,

NATURAL DO RIO DE JANEIRO,

DOUTOR EM MEDICINA,

E

PHARMACEUTICO APPROVADO PELA MESMA FACULDADE.

Quod scripsi, vidi.



RIO DE JANEIRO,

TYPOGRAPHIA DE JOÃO JOSÉ MOREIRA,

Travessa do Senado N. 10.

1848.

FACULDADE DE MEDICINA

DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTOR.

O Sr. Dr. José Martins da Cruz Jobim.

LENTES PROPRIETARIOS.

Os Srs. Doutores:

1.º ANNO.

Francisco de Paula Candido	Physica Medica.
Francisco Freire Allemão.	{ Botanica Medica, e principios elementares de Zoologia.

2.º ANNO.

Joaquim Vicente Torres Homem, EXAM.	{ Chymica Medica, e principios elementares de Mineralogia.
José Mauricio Nunes Garcia.	Anatomia geral, e descriptiva.

3.º ANNO.

José Mauricio Nunes Garcia.	Anatomia geral, e descriptiva.
Lourenço de Assis Pereira da Cunha.	Physiologia.

4.º ANNO.

Luiz Francisco Ferreira	Pathologia externa.
Joaquim José da Silva, PRESIDENTE.	Pathologia interna.
João José de Carvalho.	{ Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therapeutica, e Arte de formular.

5.º ANNO.

Candido Borges Monteiro	Operações, Anat. topograph., e Apparelhos.
Francisco Julio Xavier.	{ Partos, Molestias das mulheres peçadas e paridas, e de meninos recém-nascidos.

6.º ANNO.

Thomaz Gomes dos Sanctos.	Hygiene, e Historia de Medicina.
José Martins da Cruz Jobim.	Medicina Legal.

2.º ao 4.º Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, EXAM	Clinica externa, e Anat. patholog. respectiva.
5.º ao 6.º Manoel do Valladão Pimentel.	Clinica interna, e Anat. patholog. respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

Francisco Gabriel da Rocha Freire.	{ Secção das Sciencias accessorias.
Antonio Maria de Miranda Castro.	
José Bento da Roza, EXAM.	{ Secção Medica.
Antonio Felix Martins.	
Domingos Marinho de Azevedo Americano, EXAM.	{ Secção Cirurgica.
Luiz da Cunha Feijó.	

SECRETARIO.

Dr. Luiz Carlos da Fonseca.

N. B. A Faculdade não approva, nem desapprova as opiniões emitidas nas Theses que lhe são apresentadas.

A

MEU EXTREMOSO E RESPEITAVEL PAI
O SR. SEBASTIÃO VIEIRA DO NASCIMENTO,

A'

MINHA EXTREMOSA E RESPEITAVEL MAI
A SRA. D. ANNA ROZA VIEIRA DO NASCIMENTO,

Senhores.

Bastará por ventura esta mesquinha offerta para pagar tantos desvelos, e cuidados, que empregastes na laboriosa cultura do meu espirito? Certamente não; por que vosso filho, cheio de gratidão, bem conhece que dando-vos mesmo a propria vida, não pode satisfazer o valor de tão avultados beneficios. Si, ajudado da vossa educação Senhores, ousei levantar no meio dos soberbos monumentos do nosso illustrado, e orgulhoso seculo este humilde edificio, claro fica que este vos pertence. Aceitai-o pois.

Vosso filho Amante.

« Sebastião. »

A

MEU CARO AMIGO, E MUITO ERUDITO, E DIGNO
PROFESSOR DE PATHOLOGIA MEDICA
O ILLM.º SR. DR. JOAQUIM JOSÉ DA SILVA,
CAVALLEIRO DA ORDEM DA ROZA.

Senhor.

Eu seria por certo merecedor da mais justa censura, se neste imperfeito trabalho da minha acanhada intelligencia olvidasse o vosso nome para mim tão digno de respeito, e veneração como o nomes desses dous caros objectos; por quanto devendo-lhes a existencia, e a educação, devo á vossa vastissima erudição, e ás vossas sublimes virtudes o honroso lugar, que hoje occupo no circulo social. Sim: é grato o meu coração, e nelle se confundem a gratidão ao amigo e o amor á meus Pais. Aceitai pois, Senhor, esta mesquinha offerta como publico testemunho da minha admiração pelo vosso Genio; pelas innumeradas provas de affeição, e obsequio, que vos tendes dignado prodigar-me.

Vosso amigo sincero.

« Sebastião. »

A'

MINHA QUERIDA AVÔ E MADRINHA

A SRA. D. MARIA ANTONIA DO NASCIMENTO,

Limitada prova de amizade.

A

MEU MUITO PARTICULAR, E VERDADEIRO AMIGO

O ILLM. SR. JOSÉ MARIA FERREIRA,

Consideração amizade, e gratidão ao Fluminense prestante, e honesto.

A'

MINHA QUERIDA IRMÃO

A SRA. D. DANTANNA VIEIRA CORRÊA,

Prova de saudosa amizade.

A

MEU PREZADÍSSIMO CUNHADO E AMIGO PRESTANTE

O SR. JOÃO CAETANO DE OLIVEIRA GUIMARÃES,

Lembrança de eterna gratidão e constante amizade.

A

MEU PREZADÍSSIMO CUNHADO E AMIGO

O SR. JOAQUIM CANDIDO CORRÊA,

Signal de constante amizade

A

MEU PARTICULAR E BOM AMIGO

O ILLM. SR. DR. CANDIDO BRANDÃO DE SOUZA BARROS,

Sincera demonstração de amizade.

AO

ILLM. E EXM. SR. BARÃO DE VILLA NOVA DE OUREN,
BRIGADEIRO DO EXERCITO PORTUGUEZ,
COMMENDADOR DA ORDEM
DE S. BENTO D' AVIZ E ETC. ETC.

Amizade, respeito, e veneração ao valor, heroismo, e patriotismo do Varão Lusitano.

A

MEU PRIMO E AMIGO

O ILLM. E EXM. SR. JOSÉ MARIA DA SILVA BITENCOURT,
BRIGADEIRO DO EXERCITO, COMMENDADOR DE S. BENTO D' AVIZ,
CAVALLEIRO DAS IMPERIAES ORDENS DO CRUZEIRO E DA ROZA.

Amizade respeito e gratidão.

A

MEU PRIMO E AMIGO

O ILLM. SR. FRANCISCO JOAQUIM DA SILVA BITENCOURT,
MAJOR DO EXERCITO, E CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO.

Signal de amizade e eterna gratidão.

A

MEU AMIGO

O ILLM. E EXM. SR. CONEGO JOSÉ ANTONIO MARINHO,
COMMENDADOR DA ORDEM DE CHRISTO.

Homenagem ao Varão eloquente e virtuoso.

A

MEU AMIGO

O ILLM. SR. DR. MANOEL JOAQUIM DE MORAES VALLE.

Veneração ao Joven talentoso.

A

**MEU AMIGO O MUITO DIGNO, E ERUDITO
PROFESSOR DE ANATOMIA**

O ILLM. SR. DR. JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA,
CAVALLEIRO DA ORDEM DA ROZA, MEMBRO TITULAR DA IMPERIAL
ACADEMIA DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO, CORRESPONDENTE
DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE LISBOA, E DO INSTITUTO
HISTORICO GEOGRAPHICO DO BRAZIL.

Veneração ao homem sabio, e virtuoso.

A

**MEU AMIGO E MUITO DIGNO E ERUDITO
PROFESSOR DE CLINICA MEDICA.**

O ILLM. SR. DR. MANOEL DE VALADÃO PIMENTEL,
CAVALLEIRO DA ORDEM DA ROZA, E DA DE CHRISTO.

Tributo ao Genio da Medicina, e ao Brasileiro probo.

A

MEU AMIGO

O ILLM. SR. MAJOR ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA,

Pequeno signal de intima amizade.

A

MEU PARTICULAR AMIGO

O ILLM. SR. JORGE FURTADO DE MENDONÇA,
DIGNO PROFESSOR PUBLICO DE LATIM DESTA CÔRTE.

Ingenua confissão de amizade, e gratidão.

A

MEU INTIMO, E PARTICULAR AMIGO

O ILLM. SR. DR. FRANCISCO BONIFACIO DE ABREU,

AUTOR DA THERSINA.

Prova de amizade que não fenoe.

Parece, á primeira vista, que a lei, que rege as escolas medicas, quando nos obriga á appresentar uma these, nos expõem sem piedade á judiciosa critica dos sabios, e á virulenta satyra dos homens; porque como he possível que um discipulo, que mal está sentindo as luminosas lições de seus illustres, e sabios preceptores, appareça perante elles para sustentar uma idéa se quer sem merecer com justa razão o castigo de tão grande temeridade? Mas, reflectindo, vê-se, que a lei he benigna em sua prudente disposição; porquanto ella considera o acto da appresentação da these como o ultimo adeos dos mestres aos filhos de sua intelligencia; a ultima despedida do seu bafo paternal aos formados por seus disvellos: quiz pois que o infante medico tivesse um ensaio de seus primeiros passos no escuro, e perigoso trilho da vida professional. Nossos passos serão tremulos, como os das crianças; incertos, como os do inexperiente; e vacilantes, como os do fraco. Todavia não receiamos a queda, porque temos paes carinhosos, experimentados, e robustos. Guiai-nos pois.

Dos abusos da sciencia em geral.

Post ignem ætherea domo
Subductum, macies, et nova febrium
Terris incubuit cohors,
Semotique prius tarda necessitas
Leti corripuit gradum.
(*Horatii Lyricorum.*—L. I. *Carmen III.*)

O homem, segundo a opinião de alguns philosophos, foi nos tempos primitivos, como que embrutecido, e depois com as revoluções do globo, tendo padecido fortes privações, foi levado ao estado social, em que o encontramos. Foram os sentidos por sem duvida a fonte de suas primeiras idéas. Então elle vendo todos os dias, e contemplando com admiração as sublimes obras do unico Sabio, e Creador do universo, quiz logo conhecer a causa necessaria das differentes cousas, que o cercavam, e teve, como por encanto, a luminosa, e eterna idéa do Ser Omnipotente. Esta luz brilhante, e pura, baixando do céu á terra, deu ao homem a sancta philosophia, que em todos os seculos tem produzido o sublime, o ridiculo, e o supersticioso. Que espantosa diversidade de seitas extravagantes, e contradictorias não vemos derramadas no mundo philosophico desde Thales de Mileto, até os nossos modernos? Que doutrinas! Que multidão de absurdos! Antes de Pythagoras aquelle homem, que se tornava recommendavel por uma vida regulada, e cheia de virtudes, se chamava sabio. A' este nome honroso a sua modestia preferio o de philosopho, dizendo que elle não era possuidor da

sabedoria; mas tinha só o desejo de possuil-a. Pythagoras, mestre do celebre Platão, respeitado dos seus contemporaneos assim pelas suas bellas maximas de moral, como pelos seus conhecimentos mathematicos, abusou da sciencia, creando o extravagante systema da transmigração das almas. Pythagoras, a quem os mathematicos devem a famosa demonstração do quadrado da hypotenusa, ousou explicar sua genealogia, affirmando, que elle fôra primeiramente Ætheclido, filho adoptivo de Mercurio; depois Euphorbo, ferido por Menelau no cerco de Troia; e que sua alma passou do corpo de Euphorbo para o de Hermatino, deste para o de um pescador de Delos, chamado Pyrro; e enfim para o de Pythagoras. Este philosopho affirmava tambem aos seus credulos discipulos, que ouvia a ruidosa esphera do céu! Não obstante estas puerilidades, elle adqueriu, entre os seus fanaticos sectarios uma reputação tão elevada, que estes ultimos, quando não podiam destruir as objecções dos philosophos, que seguiam outras doutrinas, preferiam com arrogancia o—Magister dixit;—com o que tapavam a boca dos adversarios. Para satisfazer suas paixões libidinosas, Aristippo, natural de Cirene, cidade de Libia, entendendo que a verdadeira felicidade consistia na voluptuosidade, creou a seita cirenaica, que ainda hoje he sustentada por certos philosophos. Esta seita é na verdade o mais sumptuoso monumento, erigido á vaidade do bello, e amavel sexo! Antistenes, discipulo de Socrates, desprezando as commodidades da vida, as riquezas, o luxo, e as proprias mulheres, fundou outra seita opposta á cirenaica, denominada cinica, que atrahiui tambem famosos proselytos. Entre estes admiramos o singularissimo Diogenes, que preferiu uma escura e solitaria dorna á magestosa côrte de Alexandre o Grande. Crates, discipulo de Diogenes, soube da mesma sorte seguir á risca a exemplar doutrina de seu preceptor. Zenon, discipulo de Crates, modificou a philosophia deste, não estabelecendo differença alguma entre o bem e o mal. Assim, quando lançamos de leve as nossas vistas criticas para essas gigantescas producções da intelligencia humana, observamos muitas vezes (partindo da mais remota antiguidade até os nossos dias) erros, embustes, sophismas, contradicções, e pouca luz da verdade. A historia antiga, media, e moderna, com bastante clareza nos deixa ver celebres, e respeitaveis capacidades, que tem claudicado, e, escudadas da sciencia, illudido muitos seculos illustrados. Com os olhos na sabia historia podemos sem medo de erro sustentar, que não é a ignorancia sómente a causa de nossos males; que nem sempre a tranquillidade de um payz está sujeita ao progresso das sciencias; que estas tem sido a origem da completa anniquilação de muitas repu-

blicas florentes; e que a sciencia tem em certas occasiões dado logar á immoralidades, e horrores. A' sciencia, como sabemos, acompanha de ordinario o orgulho, a vaidade, a presumpção, e após estas enfermidades do espirito marcha ao lado da ostentação a gloria de mandar. Esta inflammam o coração do homem social, que se imagina logo collocado acima de seus semelhantes, ou igual ao proprio Creador. Quantas victimas não sacrificou a consummada pericia militar do grande Cesar? Não devemos com effeito o pavoroso incendio de Ardea ao primeiro discipulo de Aristoteles? Que actos horrorosos não se perpetraram durante o reinado do jesuitismo? Luthero não pretendeu ousadamente com o archote do protestantismo derrubar de uma vez as magestosas e firmes columnas dos templos catholicos, affugentando destes asylos sagrados um grande numero de credulos? Mas nem-um desses genios foi ignorante! Logo da sciencia vem algumas vezes não só a desobediencia aos soberanos, a falta de respeito á sancta religião, e ás leis, como tambem as terriveis sedições populares, que dão origem á guerra civil, cancro dos estados.

Os males, que partem do abuso da sciencia, parecem estar na razão directa da ignorancia dos povos. Assim um povo, como o nosso, novo, capaz de ser fanatisado, e ainda falto de civilisação, deve por sem duvida soffrer muito mais, do que o Europeu. E' pura verdade que o fanatismo não respeita os payzes os mais illustrados da velha Europa; mas nesta parte do mundo a sua existencia é quasi ephemera, por isso que os espiritos cultivados o affugentam para logo. Os homens sabios estão, como os ignorantes, sujeitos, e expostos tambem aos insultos do fanatismo. Para dar-mos fortaleza á esta asserção, poderíamos citar aqui centenaes de estadistas, que, (a despeito de se presumirem muito instruidos), tem alimentado com escandalo, e mesmo aticado em prejuizo da nossa infeliz população esse flagello da humanidade*; porém a desmoralisação do payz em que vivemos nos impõe o silencio.

Do fanatismo barbaro opprimido,
Seu mesmo mal abraça o peito humano;
E surdo então da natureza ao grito
Julgou que era virtude atroz delicto.

(*Oriente. Do Rev. Padre José Agostinho de Macedo.*)

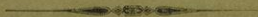
* Homeopathia.

He bem raro encontrarmos hoje um homem scientifico, baldo de prejuizos moraes. Estes parecem soffrer variedades consideraveis, conforme a posição mais ou menos elevada do homem na sociedade, e fazem nascer neste o maldicto desejo de dominar ; incuravel, e perigosa enfermidade do espirito, a qual barbara e cruelmente atormenta a miserrima humanidade. O nosso mundo politico nos mostra o valor, e a utilidade da sciencia! O nosso mundo politico nos mostra do mesmo modo o requintar da malvadeza do homem scientifico, e a versatilidade deste! He verdade! Vemos agora, por exemplo, um eloquente orador, abrazado das chammas cicero-nianas, clamar da tribuna contra a tyrania, e logo incensal-a com servilismo! Emfim o homem scientifico póde mui bem ser um malvado, que, envolto na capa de Socrates, e com estudadas e fingidas expressões, diz aquillo, que o coração não sente. Quem não terá no sanctuario da virtude ouvido fallar contra o vicio o proprio homem vicioso e velhaco, escudado da sciencia? Frequentemos essas reuniões secretas, e lá mesmo depararemos com a malvadeza, a perversidade, e a hypocrisia, profanando os puros vestidos da virtude! Sim: veremos o malvado receber com estrondosos applausos, o premio que he só devido á virtude! Assim podemos tambem ver no mundo scientifico Attilas, Neros, e Caligulas.

O homem scientifico, avaro de celebridade, não podendo por meio de sua limitada intelligencia descortinar a causa de certos phenomenos da natureza, pede quasi sempre auxilio á fertil fantazia, e com esta arma poderosa julga explicar todas as cousas, e ousa mesmo devassar as regiões celestes, insultando as proprias estrellas em suas orbitas. Dahi correm as differentes seitas philosophicas, que successivamente dominaram o fraco espirito humano. Dahi correm esses innumerados, e pomposos systemas philosophicos, medicos, planetarios, &c. &c. Assim Thales, e Xenofanes disseram, que o sol era uma nuvem inflammada! Anaxagoras, e Democrito sustentaram que este astro era um rochedo de fogo! Thales deu á agua a formação do mundo! Hippon deu esta ao fogo! Philolau disse que as estrellas eram espelhos, suspendidos no céu, para enviar-nos a luz do sol!

O eloquentissimo, e erudito Buffon, á quem os naturalistas devem importantes tratados sobre a historia natural, para explicar-nos a formação do globo terrestre, enviou um valente comêta ao sol, o qual passando

juncto deste astro, extrahiui desta maneira engenhosa o globo, que habítamos!! Entretanto a differente opinião de cada uma dessas celebridades foi sustentada durante muitos tempos, e adquiriu formidaveis proselytos. Não soffre pois duvida, que a imaginação humana inflamada he capaz de engendrar cousas tão espantosas, que podem não só seduzir, como até subjugar o nosso fragil espirito. Vemos, por exemplo, o Mantuano Poeta, aproximando tantos seculos, levar o famoso Troiano na barca do Acheronte ao inferno, e depois aos Elysios, onde conversou com o desventurado pae, e com a infeliz e magoada Dido! Vemos da mesma sorte a imaginação do grande Milton voar ao céu, dar lanças e espadas aos espiritos bons e máus, e fazer estes guerreiros lutarem corajosa e ferozmente pela gloria do supremo Creador! Vemos emfim o incomparavel Eschilo sacrificar muitos innocentes á sua escaldada imaginação, fazendo que algumas mulheres peçadas dessem á luz no theatro d'Athenas, amedrontadas pelas horrendas figuras de sua tragedia, intitulada—Eumenides!—Portanto talvez possamos, sem commetter erro, sustentar, que da má applicação, ou do abuso da sciencia o genero humano tem soffrido mais pungentes e horrendos supplicios, do que da ignorancia. Teriamos appresentado aqui outros argumentos acerca do abuso da sciencia; mas he necessario dirigirmos agora a nossa attenção para o mundo medico, que he o verdadeiro alvo dos nossos cuidados.



Dos abusos da medicina em particular.

Que o homem tem abusado tambem da sciencia medica; que o numero dos erros, e abusos, que existem nesta sciencia he infinito; e que he muito difficil, e até mesmo impossivel acompanhar com a fraca luz da nossa intelligencia os passos mal seguros, mais ou menos tremulos, e incertos, que o homem (partindo das eras mais remotas), tem dado neste terreno

fôfo e de tremedal, entendemos, e podemos sem difficuldade sustentar; porque os mais escandalosos abusos se succedem á cada passo, e a sabia historia da medicina, que he um gigante formidavel, e invencivel, nos mostra com indeleveis, e clarissimos caracteres todas as contradicções, todos os erros e delirios do homem com relação á sciencia medica. Lidas as diversas doutrinas de medicina, somos por força levados á admittir, que entre a natureza, e o medico existiu sempre uma luta constante, cujo resultado tem sido o sacrificio da humanidade soffredora, que vive exposta ás malditas experiencias puras; e que, si em algumas occasiões o espirito humano tem superado difficuldades, até então inconquistaveis, e colhido mesmo os louros da victoria, n'outras occasiões a natureza tem magestosamente obtido o primeiro triumpho, zombando dos systemas, das doutrinas e theorias medicas. Ninguem por certo negará, que sobre a desventurada humanidade pesam terriveis males, desde que o inquieto espirito do homem, desprezando a observação dos factos, tão recommendada pelo celebre Hippocrates, esse interprete da natureza, ouzou imaginar á seu modo certos systemas, para explicar-nos não só a causa das enfermidades, mas tambem para sugeitar o tratamento destas ao falivel, louco e cego exclusivismo. Assim pois he necessario não nos deixarmos cega e loucamente seduzir por esse tecido de factos exaggerados ou mentirosos, e de descrições phisiologicas mais ou menos engenhosas, que encontramos nos volumosos tratados de medicina; porque, em geral, todo o homem systematico prefere quasi sempre a celebridade do seu nome ao bem da humanidade. Para melhor prova desta nossa proposição, ahí estão á vista de todo o mundo esses factos de curas miraculosas, apregoadas e escriptas nos jornaes pelos homeopathas á favor do ridiculo sonho de Samuel Hahenemann, ao qual este colerico reformista da medicina deu o nome de —homeopathia. Os proselytos desta doutrina extravagante attribuem á virtude das suas dozes vascolejadas e dinamisadas todos aquelles factos de curas, que não podem ser devidos senão aos esforços da natureza, verdadeiro medico segundo a opinião de Hippocrates.

Mas, não cuidando aqui da demonstração dos abusos de quaesquer systemas medicos, por não possuirmos aquella necessaria erudição, que reclama um tão difficil, quão oneroso trabalho do entendimento humano, julgamos apenas conveniente dizer duas palavras ácerca de outros abusos, e da impostura medica, que antes, no tempo, e depois do grande Hippocrates, vivia confundida com a verdadeira medicina, affectando, qual Proteo, diversas, e bem variadas formas. Ella anda com tal estreiteza unida

á medicina, que não fica ao alcance de muita gente lida o poder descreminal-as á primeira vista. Assim, deixando por veneração essa longa vida, onde sobre outros nomes floreceu, e se immortalizou o do famoso, e respeitavel velho de Cos, vamos encarar a impostura medica no seculo das luzes, no qual esta tem, sem hyperbole, feito e continúa a fazer progressos espantosos. Não carecemos pois de levar a nossa curiosidade á culta Europa, para conhecermos a impostura medica; porque esta entre nós se appresenta em pleno dia, no leito da dor, nas praças publicas, nas reuniões, nos jornaes, nos actos funebres, &c. &c. Sentimos bastante não possuir, e as invejamos nesta opportuna occasião, aquellas poeticas, picantes e bellas expressões, que immortalisaram os Juvenaes, Molières, Bocages, Tolentinos e Denizes, levando á mais remota posteridade os nomes destas celebridades. Quem não terá com effeito conhecido no leito da dôr a impostura medica? Quem não terá mais de uma vez admirado o seu ar pretencioso e arrogante á cabeceira dos enfermos, e ouvido o estrondo dessa tempestuosa e vastissima torrente de palavras empoladas, com as quaes a impostura soe sempre abusar da credulidade publica? Quantos insultos não soffre o medico prudente, modesto e probo nessas denominadas conferencias, onde muitas vezes lá apparece um apavonado filho de Hippocrates, o qual, pelo comesinho facto de ter visto os laboratorios, jardins, theatros, e as academias de Londres ou Paris, julga com a bolla empinada confundir tudo, compromettendo com citações falsas, e com frases alambicadas a reputação dos medicos da velha Europa, para desta arte dar á entender aos parentes ou amigos do enfermo, que elle possui um fundo incalculavel de sciencia hippocratica; e que os seus collegas são despreziveis nullidades na escala medica? Estes factos miseraveis observamos á cada instante em a nossa mesquinha terra! O mais he que entre nós muita gente de tino dá summa importancia á esses sabios, feitos de improviso, que, bem semelhantes á matreira raposa da fabula com o queijo do corvo, vão comendo á custa dos credulos, e dos papalvos e rodando por essas ruas em magnificos, e voadores carros.

Em quanto houver sugeitos sem cabeças,

Burros e homens correrão parellhas.

Emfim vae a um ponto tão subido a suceptibilidade ou antes o prejuizo de algumas cabeças ócas, que, para qualquer patarata, ou garraio merecer o nome de grande chymico, habil operador, e de medico experiente, basta se quer a simples circumstancia de ter em Paris conversado duas horas com o magnanimo Orfila, de ter passeado alguma vez com o celebre

Velpeau, e de ter fumado um bello charuto em companhia do egregio Rostan! Que cegueira, meu Deus! Mas—bemaventurados os pobres de espirito porque delles he o reino do céu.

Si por acaso pegamos dos jornaes, deparamos logo com os seguintes annuncios:—Homeopathia pura, consultorios gratuitos, casas de saude, academias, chloroformio, varope dos bosques e as mysteriosas pilulas de Hollowaes, as quaes, (segundo a fiel e engenhosa historia do nosso annunciante quotidiano), tem a prodigiosa virtude, e efficacia para qualquer das enfermidades seguintes:—

Areas (mal de)

Colica (dor de)

Figado (doença de)

Garganta (dores de)

Rins (mal de)

Sysmptomas secundarias, &c. &c.—

Existindo em o nosso payz o homeopathia pura, o xarope dos bosques, e as taes pilulas maravilhosas; e curando estas cousas esse diluvio de enfermidades, que cruel e mortalmente perseguem a fragil humanidade, rogamos por amor desta á nossa mocidade esperancosa, que he amante do progresso, e por consequente da propagação das luzes, que deixem para sempre as escolas medicas; que reduzam já á cinzas as bibliothecas; e que façam exclusivamente os globulos homeopathicos, o xarope dos bosques, e essas pilulas afamadas por todo o mundo, pedindo apenas ao illustrado, vigilante, e incansavel governo do Brasil permissão para a construção de uma altaneira columna de asphalto no morro do Castello, em o capitel da qual deverá estar de pé firme um indigena da America Brasileira, envolto n'uma horrivel serpente, e com uma magestosa aguia pousada sobre a cabeça, gravando no pedestal da mesma columna esta inscripção:—Para eterna memoria, e veneração dos charlatães, e especuladores, que vivem á custa da ignorancia dos homens, e da tolerancia das autoridades policiaes. Assim podemos sustentar, que a inercia dos governos he tambem uma das causas, que dão lugar aos abusos da medicina.

Si vamos a qualquer reunião, lá encontramos um estudante, bem ajae-

zado, cheio de graça e cercado de beldades, que o contemplam, discorrendo com demasiada audacia sobre os prodigiosos effeitos do chloroformio, e provando a utilidade deste medicamento em todas as enfermidades do coração.

Si vamos á outra reunião, lá ouvimos outro joven, querendo impôr de grande chymico em presença da Dulcinéa, que elle sobre maneira idolatra, avançar com muita poesia,—que o acido carbonico se combina com o phosphoro, e outras parvoices de igual quilate. O certo he que o ouvinte, a despeito de nada entender, forma todavia um juizo muito elevado a respeito dos taes papagueadores, elevando com a atroadora trombeta da fama a sciencia destes além do Zenith! Si somos finalmente arrastados aos actos funebres pelos sentimentos piedosos, achamos no templo de Deus um furioso, lendo o prolixo e hyperbolico necrologio do infeliz finado com brados tão fortes, que sem exaggeração excedem aos sons tristes, e descompassados dos instrumentos mortuarios. Oh desventurada humanidade!

Até na triste campa não podeis

Zombar do braço da impostura medica!

Dizem, que houve na Europa tal filho de Hippocrates, que, para demonstrar aos circunstantes a existencia do phosphato calcario na sepultura de um desgraçado, que acabava de ser encommendado á Deus, obrigára o coveiro á suspender por alguns instantes o seu penoso trabalho; e que explicára o phenomeno chymico tão cheio de mimica, e affectações, que não esteve muito longe de cahir em cima do defunto. Com semelhantes parvoices esses especuladores sohem captar a credulidade publica, tirando desta summo proveito. Por isso observamos que ao maior charlatão e embusteiro o povo ignorante dá o nome de medico; que ao chefe dos mais consummados traficantes do mundo, o povo dá o nome de medico; que ao herege, que tem o arrojo de especular profanamente com a sancta religião, comparando os visionarios discipulos de um mimico da Allemanha com os Sanctos Apostolos do nosso Redemptor, o povo dá o nome de medico; que ao malvado, que, abusando da sua arte, assassina a honra de uma virgem fraca e pobre, o povo dá o nome de medico; e que emfim ao insolente, que publica e arrogantemente mofa das leis, e das autoridades de um payz, que se diz policiado, o povo dá tambem o nome de medico. Entretanto o verdadeiro medico e honesto vive esquecido, e, quando quer fallar em moral e religião he incontinentemente insultado pelos jornaes, e apedrejado com ludibrio nas praças publicas por esses pelotiqueiros, ou char-

latões. Taes são por sem duvida as funestas consequencias, que resultam do abuso da sciencia medica.

Ainda que nesses tempos assás remotos a pura, e sancta luz do christianismo não tivesse descido do céu á terra á fim de mostrar, ou ensinar ao homem cego o verdadeiro caminho do bem; comtudo a caridade medica, esta sublime virtude, era tão benefica, que parecia um bello raio dessa luz consoladora, occulta no coração do homem, a qual algum dia devia de fulgurar. Hoje porém que o egoismo romantico adulterou a intelligencia humana, e, com a corrompida civilisação mascarou a moral e a religião, temos infelizmente medico para o rico, para o pobre, para o fidalgo, para o soldado, e para o miseravel escravo! Hoje que o egoismo romantico adulterou a intelligencia humana, soffremos muitas vezes, que o medico, que conhece mui bem o homem por dentro e por fóra, e que deve por conseguinte ser refractario á essas phantasmagorias, ou illusões do nosso mesquinho mundo, tenha a fraqueza de serrar seus ouvidos aos gritos da natureza, estabelecendo despresiveis descreminações no leito da dôr, e levando sem piedade o monstro da aristocracia á devorar os miseraveis enfermos. Nesses tempos, que a vaidade do seculo, em que vivemos, chama barbaros, e de trevas a caridade medica soccorria sem distincção a humanidade soffredora. Nesses tempos de trevas as casas de caridade, onde a incomparavel piedade dos antigos sacerdotes do Egypto cuidava dos pobres enfermos, que procuravam, e careciam dos soccorros da medicina, não tinham em sua frente estas horrendas, e medonhas palavras:—Casa de saude homeopathica.— Nenhum desses pios, e respeitaveis sacerdotes dinamisou o eleboro, para viver com ignomia á custa da credulidade publica, calcando aos pés a religião, a moral, e as leis sociaes! Nenhum desses pios e respeitaveis sacerdotes exigiu escandalosamente por uma gotta de tintura de belladona dez mil réis! E em presença de tantas desgraças ousam clamar com emphase os escriptores contemporaneos—vivemos no seculo das luzes!!—Que perfeita illusão! Que orgulho! Hoje, pelo contrario, essa arvore da medicina, que outr'ora pejada de salutaes fructos estendia com nobreza seus viçosos, e robustos ramos para os miseros enfermos, dá-lhes um ou outro fructo sasonado, e vive apenas para nutrir os nunca saciaveis parasitas! Isto he (desgraçadamente) verdade! Podemos em o nosso payz vêr á sombra dessa arvore saluifera uma sucia desenfreada de especuladores, e ratoneiros!

Podemos tambem ver com horror o vil, e torpe interesse ultrajar todos os dias a sublime sciencia de Hyppocrates! Esta sciencia, cantada, e endoçada no culto Egypto, onde houve templos, sacerdotes, e altares, he entre nós o fóco da immoralidade, e o flagello do genero humano! Ao veneno, ao punhal, e ao ouro ouvimos muitas vezes dar o nome de medicina! A' um ascaroso covil o de templo da medicina. Tal he a nossa illustração! Eis-ahi pintada a impostura medica com as feias côres do seculo, que chamam luminoso. Muitos factos horrorosos apresentariamos, para melhor clareza do que acima expuzemos; mas, temendo o agussado dente, o rancor, e o veneno dessa vibora maldita, julgámos prudente não enuncial-os. Portanto concluimos o nosso fastidioso trabalho, sustentando, que actualmente a mocidade brasileira carece de religião, e moral, á fim de exercer com honra a nobre sciencia de Hyppocrates, invadida pelo barbaro, e importuno charlatanismo; e que as nossas autoridades carecem tambem de bastante actividade, para affugentar do nosso payz toda a corrupção, e para desvial-o do medonho abysmo, em que por certo cahirá um dia, se por ventura não perseguirem esse bando pestilencial de charlatães, applicando-lhes com rigor as penas das leis, que para a correcção de taes perversos foram feitas. Desta sorte deixarão de existir no nosso payz os abusos, os crimes, e as immoralidades.

FIM.

I.

In morbis acutis extremarum partium frigus, malum. (Sect. 7.^a Aph. 4.^o)

II.

Ubi somnus delirium sedat, bonum. (Sect. 2.^a Aph. 2.^o)

III.

Spontaneæ lassitudines morbos denuntiant. (Sect. 2.^a Aph. 5.^o)

IV.

Non satietas, non fames, neque aliud quicquam bonum est, quod naturæ modum excedat. (Sect. 2.^a Aph. 4.^o)

V.

Ad extremos morbos, extrema remedia exquesitè optima. (Sect. 1.^a Aph. 6.^o)

VI.

Acutorum morborum non omnino tutæ sunt prædictiones, neque mortis, neque sanitatis (Sect. 2.^a Aph. 19.)

Esta These está conforme os Estatutos.

Rio de Janeiro, 2 de Novembro de 1848.

Dr. Joaquim José da Silva.